



Aguinaldo da Silva SANTOS*

 <https://orcid.org/0000-0002-8553-7258>

Pedro Angelo PAGNI**

 <https://orcid.org/0000-0001-7505-4896>

Recebido em: 03 de março de 2024.

Aprovado em: 17 de dezembro de 2024.

O DISPOSITIVO "LIVRO DE ATA DE ALUNOS" COMO PANÓPTICO PARA DOCILIZAÇÃO

RESUMO

Este é um recorte introdutório à temática proposta como elaboração da pesquisa relacionada ao Livro Ata de Alunos, documento utilizado atualmente pelos gestores escolares para registrar os fenômenos das tensões resultantes nas relações entre os sujeitos na instituição escolar. A perspectiva teórica de análise para os supracitados documentos é do filósofo Michel Foucault (1926 – 1984). Buscaremos a noção de panóptico como dispositivo de assujeitamento dos sujeitos, para transformá-los em “corpos úteis” para o Estado. Dialogaremos com Louis Althusser (1918 – 1990) acerca de ideologia, pois a escola, enquanto instituição é ideológica e aparelho do Estado, portanto, constituinte do sujeito. Seria possível os professores e alunos serem afetados pelo fato de estarem na sala da direção da escola, diante dos Livro Ata de Alunos, tendo ali registrados seus nomes e fatos acontecidos de suas tensões interpessoais? Após saírem, continuariam sentindo-se vigiados de fato ou ao menos em suas consciências? As subjetividades dos professores e dos alunos podem estar sendo afetadas negativamente. O panoptismo e a burocracia escolar, que conforme observou Foucault, e outros pensadores contemporâneos assemelha-se ao mecanismo prisional, hospitalar e psiquiátrico. Todavia, é possível que se as mesmas tecnologias forem aplicadas à educação poderão gerar resultados contraproducentes, pois tiram-se as liberdades e a criatividade limitando os acontecimentos possíveis de aprendizagens na comunidade educacional.

Palavras-chaves: dispositivo panóptico; livro ata de alunos; Foucault.

THE “STUDENT MINUTE BOOK” DEVICE AS A PANOPTICON FOR DOCILIZATION

ABSTRACT

This is an introductory overview of the theme proposed as part of the research into the Student Minute Book, a document currently used by school administration to record the phenomenon of tensions resulting from the relationships between subjects in the school institution. The theoretical perspective used to analyze the aforementioned documents is that of the philosopher Michel Foucault (1926 - 1984). We will look at the notion of the panopticon as a device for subjecting subjects in order to transform them into “useful bodies” for the state. We will discuss ideology with Louis Althusser (1918 - 1990), since the school, as an institution, is ideological and an apparatus of the state, and therefore constitutes the subject. Would it be possible for teachers and students to be affected by the fact that they were in the school boardroom, in front of the Student Minute Book, having their names and events from their interpersonal tensions recorded there? After leaving, would they still feel that they were being watched, or at least in their minds? The subjectivities of teachers and students could be negatively affected. Panoptism and school bureaucracy, which as Foucault and other contemporary philosophers have observed, resembles prison, hospital and psychiatric mechanisms. However, it is possible that if the same technologies are applied to education, they could generate counterproductive results, as freedom and creativity are taken away, limiting the possible learning events in the educational community.

Keywords: panopticon. student minute book. Foucault.

* Doutorando em Educação / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), e-mail: praguinaldo12@hotmail.com

**Doutor, Docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), e-mail: pedro.pagni@unesp.br

1 O LIVRO ATA DE ALUNOS, “O LIVRO QUE TUDO VÊ”

Sustentado pelo discurso de uma necessidade de prevenção à violência e delitos no ambiente escolar, além de melhorar a segurança para a prática dos profissionais da educação, conforme denúncia o teórico Michel Foucault, o sistema educacional tem funcionado como meio de controle e manipulação sobre essas populações. Embora ele não tenha pesquisado e escrito especificamente acerca das questões educacionais e da escola, estabeleceremos por delimitação e especificidade algumas de suas noções teóricas para analisar alguns dos aspectos das condições de produção nas quais se posicionam os sujeitos discursivos escolares.

Dentre os mecanismos, dos quais, um pela linguagem foucaultiana, com intenção de se obter dos sujeitos alunos é o chamado “corpos dóceis”, obedientes às regras internas da instituição, para que após isso, na sociedade sejam “bons cidadãos”. Ora, não deve ser sem propósito, por exemplo, o uso do termo “disciplina” para descrever aquilo que é ensinado em sala de aula pelo professor aos alunos. Observemos que a determinação dos conteúdos que compõem as tais disciplinas no currículo escolar é determinada pelo Estado, embora muitas vezes não correspondendo à realidade nem à necessidade daquela comunidade escolar.

Outra perspectiva pela qual se pode observar o sistema educacional é pela sua arquitetura. Foucault demonstra que durante décadas se estabelece controle sobre a população escolar, de modo que os sujeitos estudantes “dóceis”, são submetidos às políticas de disciplinamento em suas respectivas unidades escolares. Ali são organizados, a partir do momento que adentram os altos muros e grades que os separam da “liberdade”, causada pelos portões, separando os de dentro e os de fora. Onde muitas vezes há um guarda, ou algum funcionário para garantir a “segurança”, controlando a entrada e saída pessoas.

No pátio, os sujeitos alunos são enfileirados e direcionados pelos corredores às suas respectivas salas. Já na sala de aula, senta-se cotidiana e rotineiramente nos mesmos lugares, novamente enfileirados um atrás do outro, de frente para o quadro negro e para o professor que, “panópticamente”, a todos observa, analisa, avalia, fala, corrige e pune, e por eles é visto, ouvido e disciplinado em todo instante.

Para melhorar a “segurança” no ambiente, além dos muros e grades, algumas escolas contam também com a disposição estratégica de câmeras de vigilância instaladas em quase todo o perímetro interno e externo.

Em nossa perspectiva de análise, pelo viés foucaultiano observa-se que as construções dos presídios, hospitais e escolas possuem praticamente a mesma distribuição arquitetônica de suas dependências e espaços.

[...] serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões. Cada vez que se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento, o esquema panóptico poderá ser utilizado (Foucault, 1987, p. 170)

De modo que essa mesma estrutura poderia ser utilizada para qualquer dessas finalidades sem necessariamente exigir grandes adaptações. Além disso, praticamente há hierarquia e uma forte burocracia em forma de relatórios para tentar acompanhar, digo, controlar o dia-a-dia dos sujeitos institucionais.

O panoptismo, portanto, pode ser instrumentalizado para análise a fim de se compreender a economia da instituição escola. Eis uma possível resposta à indagação do filósofo acerca das semelhanças entre as escolas, hospitais e presídios. Michel Foucault (2011, p.194), afirma que o panóptico “deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir as relações de poder com a vida cotidiana dos homens”.

A docilização, a disciplinarização ou o assujeitamento dos sujeitos para serem atingidos como objetivo, por intermédio da tecnologia panóptica não se fazem necessariamente por sua ostensividade na vigilância e sim por presença constante, ainda que invisível a quem observa (polícia) ou aos que são vigiados (policidados). Dessa maneira, o processo: “É, ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente” (Foucault, 2011, p. 191).

A discursividade dos professores também acaba por ser marcada pelas tecnologias controladoras e disciplinadoras educacionais, pois ao adentrar os portões da instituição, também passam a ser vigiados diretamente pelos gestores que, por sua vez, são fiscalizados por conselhos e secretarias de nível municipal, estadual ou federal e sociedade civil.

A vigilância “panóptica foucaultiana” pode se dar por meio de documentos oficiais instituídos instalado na burocracia escolar. Essas ferramentas de fiscalização fazem parte cotidiana da estrutura administrativa do estamento burocrático educacional do cotidiano, de modo que seus sujeitos não questionam e muito menos se questionam, todavia simplesmente se sujeitam.

Deste modo, indiretamente, também os educadores passam a sofrer a disciplinarização de forma inconsciente. Resultando por vezes em pressão psicológica, tensão emocional e assédio moral e advertências verbais ou por escrito, além de tantas outras sequelas imperceptíveis na vida dos professores e gestores da escola.

Assim, essa vigilância intensa, constante e punitiva não escapa à possibilidade de ser violência, especialmente, por meio de documentos como o que ocorre em registros de livros ata onde constam os relatos de fenômenos das tensões entre sujeitos da rotina escolar.

Essencialmente, tomando por base o discurso, de modo especial sob a perspectiva de Michel Foucault, é desenvolvida essa análise. Desse modo, a prática da disciplinarização aplicada nos dias atuais segue o mesmo método medieval, historicamente comprovado pelo filósofo. Controlar os corpos educacionais e das populações sempre foi um anseio de poder do Estado. Detectamos existir no Estado essa ânsia por governar, impor controle, vigilância e punição sobre as vidas humanas das populações.

Na investigação, evidencia-se a possibilidade de que ocorra a ostensiva “fiscalização” sobre os sujeitos ao se registrar quase tudo que acontece a partir do momento que os sujeitos adentram a estrutura escolar. Ora, Foucault e outro estudiosos dessa temática conduzem à conclusão de que uma vez instalado um sistema disciplinar, sua tendência é de sempre se amplificar para todo espaço antes vazio de poder.

Enquanto os educadores devem assinar ou “bater” o ponto durante sua entrada e saída da escola, em sala de aula registram tudo, desde os conteúdos lecionados ou não, os comportamentos dos alunos (normais ou anormais) e eventos peculiares (anormais) são comunicados aos gestores. Estes por sua vez, inspecionam e controlam os sujeitos alunos pessoalmente e os próprios professores por meio das burocracias e das relações de poder hierárquico institucional, bem como pelas atas e diários dos professores e reuniões de “conselhos”. Tudo ou quase tudo que acontece nas tensões das relações interpessoais na comunidade escolar é registrado por escrito em forma de documento. Lembremos que, do lado de fora da escola, outras instituições “para-educacionais” a “fiscalizam” e controlam. Enquanto

isso, internamente ocorre por meio dos diretores e especialistas coordenadores pedagógicos que “coordenam” os professores e “vigiam” os alunos.

Além das Atas em foco nas pesquisadas aliada à análise bibliográfica pelo prisma foucaultiano fica mostrado o controle constante, a vigilância acirrada e o disciplinamento subliminar aplicados na escola sobre e (intra) sujeito aluno e professor. Tais práticas podem ser consideradas atos de violência a partir do momento em que se transgridam as liberdades e avilte a subjetividade e a singularidade dos sujeitos alunos e professores que ali vivem em comum, ainda que com suas “diferenças” e seus ocasionais conflitos.

Tanto as construções de prédios pequenos quanto os grandes, os antigos ou com décadas ou mesmo centenários, quanto as atuais arquiteturas aplicadas a instituições educacionais visam à vigilância e à disciplinarização dos sujeitos nos ambientes panópticamente projetados para tal fim. Há lugares e informações que não estão acessíveis a todos. Salas e documentos que apenas aos gestores e professores são permitidos. O panoptismo pode ser observado também nos registros realizados pelos professores em sala de aula no “diário de classe”, os quais aos alunos é vedado o direito de acesso. Da mesma forma, nas Atas de Alunos, sob a versão narrativa dos acontecimentos registrados com a perspectiva dos gestores muitas vezes os alunos e professores envolvidos sequer presenciaram ou leram os textos das ocorrências.

A disposição conforme é estruturada a arquitetura das salas de aula torna mais eficaz e eficiente o controle dos sujeitos escolares. As salas do diretor e coordenadores pedagógicos ficam estrategicamente localizadas de onde se possam acessar todos os ambientes rápida e facilmente.

As normas escritas ou não escritas explicitam os valores esperados na conduta da comunidade educacional e podem servir de parâmetros para a atuação dos gestores ao registrar os fenômenos de conflito, quer seja para aplicar sanções ou punições aos sujeitos sob sua gestão.

Ao se obter a submissão dos corpos, passa-se ao assujeitamento da alma, ou seja, da psique. O corpo, historicamente, segundo Michel Foucault, sempre foi objeto de controle e o autor constata que aconteceu uma transformação nas técnicas. As punições foram abandonadas e trocadas por tecnologias externas ao corpo e mais sofisticadas na sutileza constitutivas das condições de produção, isto é, foram infiltradas no contexto social, histórico e ideológico dos sujeitos. Logo, a ritualística dos rígidos horários a serem cumpridos, os enfileiramentos no pátio ou na quadra esportiva e na sala de aula conjuntamente à burocracia instrumentaliza a instituição com tecnologias de assujeitamento dos sujeitos para se estabelecer o controle.

Desde uma prova avaliativa aplicada aos alunos pelo professor em sala de aula, ao fato de ser conduzido a uma sala reservada (direção ou coordenação) para assinar o Livro Ata ou uma advertência devido à quebra de algum ritual, protocolo ou regra interna da comunidade escolar. O rigor no cumprimento dos horários para todas as atividades a partir do momento que se adentram os portões da escola, os alunos enfileirados em todos os ambientes, no pátio, no refeitório, nos corredores, sempre vigiados pelos profissionais da escola, eis o objetivo sutil.

As faltas ou presença registradas na lista de chamadas no diário do professor, a indisciplina, rebeldia, a desobediência, os erros, falhas, ou delitos, as tensões das relações interpessoais ou ocorrências que fogem à regra recebem atenção especial por parte dos gestores e tratamento diferenciado para cada caso. São documentadas as ocorrências, conforme o julgamento dos próprios gestores, os sujeitos, sua insubordinação e “indisciplinas” são por vezes expostas a constrangimentos diante dos seus pares da sala de aula e até de toda a comunidade escolar fazendo, portanto, valer a técnica pela coerção interna na consciência dos sujeitos alunos com fins da adequação do comportamento aceitável tido como normal da comunidade estudantil.

2 ANÁLISE DAS ATAS

Os textos (Excertos 1 e 2) a seguir são a exata transcrição, ainda que, com possíveis erros ortográficos, após digitalizado e extraído dos Livros Atas de determinada escola pública localizada no município de Três Lagoas/MS – BR. Após a concessão dos documentos para a pesquisa, o diretor da escola por precaução antecipou o pedido de anonimato da identificação dos nomes da instituição e das pessoas constadas nos denominados “Livro Ata de Alunos”. Aqui referidos como S1, S2 e assim por diante.

Excerto 1:

Aos dezenove dias do mês de novembro de dois mil e quinze, a Profa. S1 de Língua Portuguesa, **encaminhou à direção** o estudante, S2 do 6º. Ano “Z” devido **desobediência**. Segundo a Profa. S1, o S2, saiu da sala **sem sua permissão**, durante a explicação do **conteúdo planejado** e que já estava transcrito na lousa. Na **direção** o S2, **disse** que saiu porque a S3 o chamou. **Orientado** a solicitar **permissão** do professor, para entrar e sair da sala (Ata de alunos 457/2015). (Grifo nosso).

A mesma nomenclatura da hierarquia utilizada na escola, no presídio e no hospital, de **Diretor** não deve ser mera coincidência. Deste modo, quando se “**encaminhou à direção**” o assujeitado sujeito aluno, lhe será aplicado o mesmo encaminhamento utilizado no âmbito

médico, psiquiátrico, jurídico e espiritual que com poder “pastoral” guiará, ou seja, vigiará “panópticamente” de acordo com as anotações das ocorrências acerca do estudante a partir de então, com a finalidade de se obter determinado tipo de comportamento. Certamente esse aluno será muito mais observado pelos gestores.

Essas práticas estão presentes na escola brasileira, de modo a disciplinar os alunos. Os alunos são constituídos sujeitos sob os mecanismos rituais nos registros das atas escolares, relatórios individuais acerca da sua vida estudantil, no boletim de notas avaliativas, na organização do seu tempo, espaço, e do conhecimento a ser recebido. Os exercícios físicos, da sua alimentação e a higiene dos “seus” corpos durante as horas que estão sob a tutela da instituição. Michel Foucault chama de “funções disciplinares” e “instrumentos disciplinares” os exames avaliativos, a vigilância constante e as sanções possibilitadas pelo aparelho social, a escola.

Excerto 2:

Aos vinte e três dias de novembro de dois mil e quinze, a Profa. S1 **encaminhou** o S2 do 7º ano, devido **não fazer atividade, ser resmungão e indisciplinado**; vale ressaltar que ao sair da sala, **colocou a mão direita sobre os órgãos genitais e começou a fazer gesto obsceno p/ a professora, quando a mesma estava de costas p/ ele**. Na **direção**, o aluno disse não ter feito gesto p/ a Professora e **sim p/ os colegas** de sala. Foi orientado a ter respeito pelos colegas e pela Professora, sendo que deverá ser comunicado os responsáveis, o aluno foi retirado da sala durante a aula de matemática. Nada mas encerro. (**assina**) (Ata de alunos 460/2015) (grifo nosso). (S2 também **assina** abaixo do texto, ao lado do x.).

Bem como na análise do **Excerto 1**, neste também fica demonstrado pelo uso do termo “**encaminhou**”, uma compreensão de que a “**direção**” é o lugar de ajustes de comportamentos. Livro Ata de Alunos na sala do diretor da escola conota um ritual de seriedade, ultimato e possível punição do sujeito aluno “**não fazer atividade, ser resmungão e indisciplinado**”, isto é, quebrou toda a ordem da normalidade estabelecida na comunidade. Ao passo que o sujeito aluno “**assina**” sua confissão, mesmo que involuntariamente, está também admitindo o prosseguir a ser “**orientado**” e acompanhado em uma postura diferente da registrada na ata.

Os professores, concomitantemente, passam por situações vexatórias para com seus pares gestores locais e em posições hierárquicas superiores institucionalmente, ou seja, politicamente. Tais sujeitos avocam a si em nome da autoridade que lhe fora dada um certo poder, ainda que academicamente não possua qualificação em relação a seu subordinado, possui o “poder” sobre. Isso lhe permite decidir, agir e coagir autoritariamente para com o colegiado.

Nossa pesquisa tenta demonstrar que as práticas de vigilância afetam os alunos, mas não escapam a isso os profissionais de educação. De forma específica, nos registros das ocorrências realizadas pelos docentes gestores é possível detectar o quanto são afetados, marcados discursivamente. Despreocupadamente, tanto na fala, quanto na escrita termos usuais dos militares, dos presídios e das delegacias de polícia são utilizados em documentos e na linguagem cotidiana da escola sem qualquer parâmetro.

Pressupondo o professor gestor ao redigir os textos na Ata de Alunos acerca dos fenômenos resultantes das relações entre os sujeitos no âmbito escolar que poderão se agravar. E que em alguns casos, ou pode vir à escola alguma fiscalização de outros órgãos educacionais, ou ainda o dito documento pode ser requerido pelo Conselho Tutelar, por algum motivo alheio, a escolha dos termos lexicais se torna fator importante. **“colocou a mão direita sobre os órgãos genitais e começou a fazer gesto obsceno p/ a professora, quando a mesma estava de costas p/ ele”**. Muitas vezes resultando em silenciamentos e modalizações das falas ao serem transcritas nos documentos. E por fim, gerando pressão psicológica e intimidação pela sensação de vigilância, do controle, tensão, estresse emocional e desconforto que se aproxima de se compreender como violência, ainda que invisível, ou assédio moral entre os profissionais, mas também para com os alunos.

A instalação do ponto eletrônico na entrada da escola, o uso “indispensável” do aparelho celular com seus aplicativos para justificar faltas no trabalho, realizar reuniões e aulas virtuais, conversar sobre trabalho após o expediente prestado, ou registrar presença, é o controle acirrado sobre o sujeito professor. Eis a nova realidade na qual se encontra o docente, mais e mais assujeitado. As relações de poder do sujeito docente com seus pares e com os alunos reproduzem analogicamente o panóptico aplicado por Foucault, fazendo com que por meio do mecanismo burocrático escolar todos vigiem todos e sejam vigiados, agora, com a “onipresença” das tecnologias da informática. Isso é uma “graça” ou “desgraça” para a educação?

A escola, enquanto aparelho ideológico (Althusser, 1987), possui a finalidade de conquistar a sujeição dos sujeitos sociais utilizando as tecnologias dos “corpos dóceis” de Michel Foucault. Entretanto, não significa necessariamente que não haja resistência das partes envolvidas, quer seja dos alunos conforme relatado pelos professores gestores nos ditos documentos, ou da parte dos próprios docentes em relação à imposição do sistema em si e suas tecnologias que violentamente lhes invade a liberdade e a privacidade por meio das burocracias e da vida *online* enquanto sujeitos educacionais.

Os dispositivos de poder são reproduzidos na relação gestor-professor-aluno, e também nas demais esferas hierárquicas do sistema educacional. Os discursos dos professores gestores nos registros burocráticos oficiais da escola demonstram sua assimilação das práticas disciplinares aplicadas em outras instituições, como quartéis, presídios e hospitais, de acordo com Michel Foucault.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que se pode apreender ao relacionar a fundamentação teórica às análises dos documentos excertos é que a escola se vê como um lugar de “perfeição”, de pessoas perfeitas, de práticas pedagógicas e gestão “perfeita”. Parece ser o lugar onde não é permitido erros. Entretanto, a realidade é outra. A escola é o lugar do humano no seu sentido mais pleno. Onde os anormais e os “in-disciplinados”, os rebeldes professores e alunos se encontram e “com-vivem” em harmonia e com seus desencontros amorosos. A dureza da burocracia e dos rituais, refiro-me às atividades cotidianas podem trazer acontecimentos que enriquecem a humanidade desses sujeitos escolares. Enquanto o lugar, a sala de aula, o prédio, a rotina, são suportáveis. Há paixões e aspirações que fazem com que os sujeitos sejam constituídos em suas subjetividades todos os dias.

O panóptico é rigoroso, rígido e funcional, diz a que veio. Todo aquele que já passou algum tempo de sua vida em uma das instituições do Estado pode testemunhar seus efeitos subjulgadores das consciências. Desse modo, ainda que Michel Foucault não tenha elaborado na sua teoria especificamente acerca da escola ou da educação, sua instrumentalização nos serviu na tentativa de melhor compreender os efeitos da escolarização sobre os sujeitos e sobre a sociedade. Pudemos observar tanto a estrutura do prédio escolar, quanto sua logística e sua burocracia, que é inevitável à constitutividade do sujeito, uma vez que tenha adentrado ao menos uma vez pelos portões da escola e não tenha sido marcado pelo seu discurso disciplinarizador.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.